

O RISO

100/2 ENC

Guilherme d'Almeida

N.º 2.

O RISO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL



PORTO

TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO DA TARDE»

56, T. da Fabrica, 56

1900

100/2 ENC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR INTERINO

Antonio Joaquim de Moraes Caldas

LENTE-SECRETARIO INTERINO

CLEMENTE PINTO

CORPO DOCENTE

PROFESSORES PROPRIETARIOS

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira—Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa.	Antonio J. de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria	Vago.
6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Candido A. Corrêa de Pinho.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna.	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica	Roberto B. do Rosario Frias.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica	Augusto H. d'Almeida Brandão.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia	Vago.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semeiologia e historia medica.	Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
Pharmacia	Nuno Dias Salgueiro.

PROFESSORES JUBILADOS

Secção medica	{ Pedro Augusto Dias. Dr. José Carlos Lopes. José d'Andrade Gramacho. Dr. Agostinho Antonio do Souto.
-------------------------	--

PROFESSORES SUBSTITUTOS

Secção medica	{ João L. da Silva Martins Junior. Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
Secção cirurgica.	{ Clemente J. dos Santos P. Junior. Carlos Augusto de Lima.
Demonstrador de anatomia.	Luiz de Freitas Viegas.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na descrição e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola*, de 23 d'Abril de 1840, art. 155.º)

A meus paes

Pouco direi. A minha these representa para elles a realisação d'um sonho que ha sete annos, á minha chegada do Zaire, entreviam vagamente. Quando penso que este curso foi feito á custa de tanto trabalho, quando penso que cada hora do meu estudo representa da parte de meus paes um dia de fatigante e arduo labutar, a minha amizade não sente limites, como tambem limites nunca tiveram os seus sacrificios, a sua dedicação. A um pae como o meu não basta offerecer-lhe uma these, a uma mãe como a minha não se consagram palavras que por communs e proverbias seriam correntias. Offerece-se-lhes o nosso futuro, pede-se-lhes para que confiem no nosso braço.

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SNR.

Antonio de Souza Carneiro Lara

Offerecer-lhe a minha these é cumprir um dever. V. Ex.^a, que de fórma alguma quiz vêr esta carreira cortada pelas difficuldades materiaes da minha subsistencia, é e será eternamente credor de toda a minha gratidão. Na offerta d'este trabalho, mesquinho por não valioso, vae apenas a sinceridade com que confesso o meu reconhecimento.

Aos meus prezados collegas e amigos

DO

DIARIO DA TARDE

*Ricardo Malheiros, Simas Machado,
João Grave, Eduardo de Souza, Firmino Pereira,
Victorino Ribeiro, Graça e Cruz,
Ernesto Maia, Augusto José de Souza
e Norberto Pereira*

Recordação de dois annos de leal
camaradagem e franca amizade.

Aos Ex.^{mos} Snrs. Drs.

Ramos de Magalhães
Maia Mendes
Martins da Silva
Urbano Cardoso

Gratias agamus.

Aos meus illustres professores

Maximiano de Lemos
Lopes Martins
Roberto Frias

O discipulo grato.

Na despedida, a

Eduardo Pinho
Manoel Lima
Luiz Navega
Antonio Viale
Rev. Abilio Passos

Uma saudade.

Á ILLUSTRE DIRECCÃO

DA

Sociedade de Medicina e Cirurgia

COMPOSTA DOS SNRS. DRS.

Almeida Brandão, presidente.

Dias d'Almeida, vice-presidente.

Alberto d'Aguiar, 1.º secretario.

Perry de Sampaio, 2.º secretario.

Entre os que materialmente contribuíram para a minha formatura, archivo o nome d'essa douta aggremação, lamentando que o trabalho feito não correspondesse á espectativa dos que com tanta benevolencia me acolheram.

AO MEU DIGNÍSSIMO PRESIDENTE

O PROFESSOR

Alberto Pereira Pinto d'Aguiar

PRIMEIRA PARTE

O RISO NORMAL

CAPITULO I

ANATOMIA

Não estão infelizmente de accordo todos os auctores sobre se o riso é devido á acção de um unico musculo, o grande zygomático, ou se em torno d'este se agrupam outros elementos synergicos. Assim, ao passo que Charles Debierre (1) afirma que o grande zygomático é o musculo do riso e tem uma acção analogá á do pequeno zygomático, ao passo que Cruveilhier (2) nos diz ainda que em favor do primeiro vem a acção do canino, e que Sappey (3) nos falla do risorius como tendo identica funcção, e ainda de outros musculos da mesma região que tomam parte na expressão dos sentimentos que provocam o riso, Beaunis e Bouchard (4) declaram-nos muito terminantemente que o grande zygomático é o musculo do riso e que o zygomático minor é seu antagonista, e Duchenne (de Boulogne) (5), oppondo-se a todos e a tudo,

(1) Charles Debierre — *Traité elementaire d'anatomie de l'homme*, pag. 306.

(2) Cruveilhier — *Anatomie descriptive*, pag. 133.

(3) Sappey — *Anatomie descriptive*, pag. 134.

(4) Beaunis e Bouchard — *Anatomie descriptive*, pag. 261.

(5) Duchenne (de Boulogne) — *Mecanisme de la physiologie humaine*.

tenta provar no seu livro sobre o *Mechanismo da physionomia humana* que o grande zygomatico é o unico musculo que exprime completamente a alegria em todos os graus e em todos os matizes, desde o simples sorriso até á gargalhada louca.

D'este embate de opiniões qual a seguir? Quaes os musculos a mencionar n'este capitulo?

Vejamos se a embryologia guiando-nos na controversia nos leva a uma solução, difficil sempre, quando n'ella entram nomes tão altamente cotados no campo scientifico que não nos compete criticar.

Gegenbaur tratando da embryologia dos musculos faciaes, seguindo as theorias de Bellingeri, celebre anatomista italiano, defende a doutrina da continuidade fibrillar, e faz que cada um dos musculos da face derive primitivamente do *plastyma myoides*, dizendo que o cuticular se estende progressivamente para a parte lateral da cabeça e se desdobra ao nivel da orelha em duas fachas, uma posterior que fórma a camada occipital revestindo a nuca, e a outra anterior ou facial que depois irradia por varios feixes para os órgãos dos sentidos visinhos, sobretudo para a bocca e annexos externos do aparelho visual, aos quaes deve adaptar-se. É desde esse momento que as fibras se espalham em leque, dividindo-se no homem em musculos cada vez mais numerosos e tambem mais independentes. O nervo facial acompanha esta evolução emittindo os seus filetes e ramos motores; um para traz, o auriculo occipital para o cuticular da nuca, e dois para deante, o temporal que acompanha o cuticular da face na sua extensão para o craneo e o facial que se arborisa formando um plexo.

A prova evidente d'esta evolução dos zygomaticos está na anatomia comparada e na embryologia: a 1.^a mostrando o crescimento e individualisação progressiva dos cuticulares; a 2.^a indicando as fórmulas iniciaes, a genese da musculatura da cabeça, variedades, anomalias e anastomoses dos mesmos musculos.

Como se isto não bastasse, os trabalhos feitos por Ruge (1) e Poposwky (2) confirmaram plenamente a opinião fundamental de Gegenbaur,

Na verdade como se pôde admittir que todos esses musculos movidos por tantos feixes tenham um papel tão distincto? Como é possível que um unico d'elles possa exprimir todas as variantes de uma emoção? Como é que se pretende dar ao grande zygomatico o monopolio do riso, desprezando a solidariiedade physiologica dos seus synergicos?

Afigura-se-nos que exaggero e muito houve da parte do physiologista Duchenne imputando á acção unica do seu musculo favorito o riso já falso, já verdadeiro, já ironico, já zombador, o riso voluptuoso, lascivo, surprezo, benevolente e espontaneo. Que elle entre em todos como elemento primordial, não o contestamos, e isso prova-o a autopsia dos comicos Preville e Dazincourt, que tinham os zygomaticos o primeiro duplos e o segundo triplos; agora que pelos diversos graus da sua contractura, possa exprimir todas as immensas modificações que no riso apresenta a physionomia humana, isso é que, a despeito do pouco pezo da nossa opinião, reputamos como menos verdadeiro, e Duchenne afinal tambem assim o reconheceu, como facilmente se deduz das contradicções do seu livro que em seguida vamos expôr.

Duchenne, a pag. 61 do seu livro, diz-nos: « O grande zygomatico é o unico musculo que exprime completamente a alegria em todos os seus graus, em todas as suas phases, desde o simples sorriso até ao rir mais franco. Elle não dá nenhuma outra expressão ».

Mas logo em seguida accrescenta: « O melhor

(1) Ruge — *Recherches sur le systeme facial des primates.*

(2) Popowsky — *Resume d'anatomie comparée des muscles de la face chez l'homme et les animaux.*

nome que se póde tirar da sua acção expressiva é, portanto, o de — *musculo d'alegria* — *ainda que elle o não justifique por completo quando é posto parcialmente em acção* ».

A principio a formula é perfeitamente exclusiva, perfeitamente formal; logo em seguida, o auctor como que reconhecendo o absolutismo da sua lei, já nos vae explicando que a contractura parcial do grande zygomatico não produzindo por completo a alegria, não justifica o nome do musculo.

Mas ha mais ainda.

Vimos que Duchenne, a pag. 61, diz que o grande zygomatico é o unico musculo que exprime completamente a alegria; pois o mesmo auctor, a pag. 27, diz-nos que « a alegria é devida á synergia do grande zygomatico e do orbicular inferior ». O mesmo auctor, a pag. 19, confessa ainda, fallando d'uma das suas experiencias sobre o supraciliar, que « era forçado a acreditar que a modificação physionomica que observara parecia ser produzida pela contracção synergica de um maior ou menor numero de musculos, ainda que o experimentador não tivesse excitado senão um unico ».

E mais adeante contradiz-se ainda, embora não se referindo aos musculos do riso, quando, procurando demonstrar a unidade physiologica muscular para exprimir uma emoção, pede ao cuticular a sua cooperação em certos estados d'alma taes como o terror, a colera, a tortura, etc.

Finalmente, quando todos esperavam encontrar no seu quadro synoptico de pag. 45, como unico musculo da expressão da alegria, o grande zygomatico, Duchenne, esquecendo tudo que escrevera algumas paginas antes, não tem duvida em pôr em socorro do seu musculo favorito o orbicular palpebral superior, reservando ao primeiro uma funcção bem pouco sympathica, a de exprimir o sorriso mentiroso.

Se a alegria portanto é a expressão completa do sorriso mentiroso, como nos é licito concluir, desde

já a maldizemos, acreditando também que Duchenne ao chegar a esta conclusão a desprezaria.

Fazer do riso mentiroso a especificidade da alegria, grande erro se nos afigura; demais que Baudelaire já affirmava ser necessario distinguir a alegria do riso. Ri-se na colera, no egoismo, no terror e no desespero.

Nos grandes sinistros maritimos, os mergulhadores que, profundando as aguas, vão verificar os prejuizos e os danos dos transatlanticos submersos, contam nos seus relatorios terem deparado com passageiros, que a rigidez cadaverica foi immobilisar photographando-lhes no rosto a expressão d'uma risada, d'uma gargalhada de desprezo. Recorda-nos ter lido isto ao dar-se em Lisboa o naufragio do vapor francez *Ville de Victoria*. E não era decerto a alegria que actuava n'esses seres que, em pleno Tejo, na quietação e serenidade d'uma manhã de primavera, se sentiam descer ao tumulo. Se o riso fosse uma consequencia necessaria da alegria, esta seria a unica causa do riso, o que é absolutamente falso. Quantas alegrias temos que terminam por lagrimas e não por gargalhadas. A mãe que tem um filho longe da patria, e que, ao cabo de longo periodo de annos, espera a sua chegada, ao pôr os pés sobre o tombadilho do vapor que lhe conduz o ente querido, não ri, succumbe e chora. E não obstante, ninguem negará a alegria que lhe vae no peito, ninguem negará a alegria que ella sente ao abraçar de novo o filho que acalentou no berço. Deixando de parte, porém, maior somma de exemplos, que só viriam provar mais uma vez a conclusão falsa de Duchenne, vejamos se, pondo terminus n'este capitulo, podemos conseguir um quadro, no qual se conheçam os musculos que temos a descrever; e, repetimos, musculos porquanto a hypothese de um unico está inteiramente de parte, não só d'agora mas de ha muito, visto que já Cruveilhier affirmava que « as paixões alegres exprimem-se pela extincção dos traços physionomicos, isto

é, pelo seu afastamento da linha média; assim, os musculos: frontal, o levantador da palpebra e o grande zygomatico são os agentes principaes da expressão das paixões alegres » (1). O quadro seguinte, devido a J. M. Raulin (2), da faculdade de medicina de Paris, ao mesmo tempo que mostra as expressões associadas, indica tambem os musculos a que são devidas.

MUSCULOS	RISO
Grande zygomatico	Riso mentiroso, falso
Grande zygomatico e orbicular } palpebral inferior	Riso espontaneo, bene- volente, verdadeiro
	Sorriso
	Riso de zombaria
Grande zygomatico e buccinador	Riso ironico
Grande zygomatico, buccinador e fibras profundas do orbicular dos labios	Gargalhada
Grande zygomatico canino e palpebraes superior e inferior.	Riso de desprezo
Grande zygomatico e dilatador da aza do nariz	Riso voluptuoso
Grande zygomatico e transverso do nariz	Riso lascivo
Grande zygomatico e frontal	Riso admirado, de sur- preza
Grande zygomatico e levantador do labio superior.	Sorriso triste
Grande zygomatico e risorius	Sorriso ligeiro
Grande zygomatico e orbicular palpebral superior	Sorriso dos velhos

(1) Cruveilhier — *Anatomie descriptive*, pag. 138.

(2) J. M Raulin — *Le rire*, pag. 54.

Vê-se portanto que apesar do papel importantíssimo do grande zygomatico, muitos outros musculos o ajudam nas differentes modalidades de riso, fazendo que o primeiro perca grande parte do poderio e da gloria que lhe tinham tributado alguns auctores antigos.

Conviria agora descrever esses musculos; não o fazemos, já porque nos falta o espaço, já porque os consideramos bem conhecidos desde os nossos primeiros annos da Escola, da cadeira de anatomia que frequentamos.

* * *

Concluindo:

— A expressão physionomica do riso não é devida unicamente ao musculo grande zygomatico.

CAPITULO II

PHYSIOLOGIA

O ataque de riso

Podemos considerar no accesso de riso typico tres periodos: o prodromico—a aura com os seus phenomenos de tensão; o periodo de estado—onde se dão os phenomenos respiratorios e phoneticos, e o periodo de resolução mais ou menos caracterizado por um cansaço, por um exgotamento que termina, muitas vezes, pelo choro.

Periodo prodromico

A aura é uma especie de advertencia rapida e subita que precede a vontade de rir. Póde estar debaixo da dependencia dos nervos sensitivos, vasomotores e motores.

A *aura sensitiva* depende do estado moral do individuo, do seu temperamento, idade, etc. Caracterisa-a um arrepio que passa na commissura dos labios ou das palpebras, um pequeno trillo precursor do riso. Esse arrepio tem séde variavel: assim, umas vezes traduz-se por uma sensação de formigueiro, outras por uma especie de attricção na cavidade epigastrica ou na região precordial.

A aura sensorial tem variadas fórmulas de se ma-

nifestar. Ao passo que certas pessoas tem sensações luminosas extravagantes, outras notam zumbidos nas orelhas, e, outras ainda, sentem despertar a aura por um simples perfume, pelo tenue cheiro de uma flôr.

As *auras vaso-motoras* manifestam-se por uma sensação de calor ou frio, acompanhada de ligeira vertigem.

A *aura motora* consiste ou n'um tremulo muscular d'uma região muito circumscripta, a palpebra inferior, ou no balanço do corpo, das espaduas, etc.

A aura é geralmente instantanea e o riso explosivo, subito. Comtudo a aura attinge uma nitidez tanto maior quanto o individuo mais resistir á excitação e quanto mais lento e gradual fôr o seu periodo de invasão.

Periodo d'estado

A primeira manifestação visivel do riso consiste quasi sempre n'um sorriso, n'uma contracção ligeira do grande zygomatico; depois, o espasmo dos outros musculos da face accentua-se e o phenomeno, tendo invadido a glotte interligamentosa, breve obriga a glotte intercartilaginea a que intervenha, por seu turno, dilatando-se, para deixar passar o ar que é expulso pelas contracções do diaphragma.

Quando este ultimo musculo entra em actividade é evidente que a excitação partida do nucleo facial passou pelo pneumogastrico, espinal e chegou aos nucleos do phrenico. Dá-se então o que entre nós é conhecido pela seguinte phrase: «rir a bandeiras despregadas». Por fim toda a columna medullar participa da excitação. O individuo agita-se, contorce-se, requebra-se, faz pressão com as mãos sobre o abdomen, dá saltos, emite sons inarticulados, corre em varias direcções, encosta-se ás paredes, dá palmas, bate com os pés, tregeita, ora fecha os olhos ora os abre, fazendo passar todos os seus movimentos por uma graduação ininterrupta, por uma escala ascen-

dente que principiando no simples sorriso vae terminar n'uma serie de gargalhadas francas. Durante este periodo a respiração perturba-se, o craneo e a face engorgitam-se de sangue, as veias distendem-se, os musculos perioculares contraem-se, os olhos brilham intensamente. Seria certamente curioso seguir todas as transições que ligeiramente esboçamos acima, fazendo-nos vêr, mais nitidamente e com maior delonga, cada uma das phases porque o individuo vae passando, e hoje, graças ao poderoso auxilio do cinematographo, torna-se essa observação de uma tal ou qual facilidade.

Entre nós, porém, com esta atonia que restringe toda a iniciativa, com esta má vontade que só serve a collocar peias e obstaculos a qualquer tentativa que não obedeça, cegamente, á velha linha de proceder que a rotina sancionou, nada se tem feito n'este sentido.

É n'este periodo que se dão os phenomenos respiratorios e phoneticos de que adeante nos occuparemos.

Periodo de resolução

Após um accesso de riso intenso, e a contracção rapida, violenta e espasmodica de grande parte da massa muscular, o rosto molha-se de lagrimas, os musculos dos olhos e do labio superior ficam ainda algum tempo contrahidos, e as faces cobertas de pranto, dando estas duas circumstancias á parte superior da face uma expressão que é impossivel distinguir da que caracteriza a figura d'uma creança soluçante. Além d'isso, a dyspneia, a fraqueza, a fadiga, o cansaço, succedem sempre ao accesso e, por vezes ainda, fortes dôres de cabeça seguidas de pontadas, vertigens, sêde, arrepios, nauseas, angustia ficam durante largas horas depois de findo o periodo de estado.

Como se vê, portanto, não são muito agradaveis

as consequências d'um accesso de riso; e se é certo que muitas vezes se ri e no riso ha choro, ainda n'este ponto as lagrimas como demonstração do riso não são ambicionadas, pois ellas marcam um intenso estado depressivo e adynamico.

O accesso de riso é como que uma diffusão do systema nervoso, o que não quer dizer que o riso seja manifestação constante da alegria, pois o prazer pôde existir sem manifestação exterior.

O procedimento de Archimedes que corre louco de alegria atravez as ruas de Syracusa gritando: *eureka*; de Davy que começou saltando e rindo de prazer no seu laboratorio ao descobrir o potassio, como se explica senão por um grau de excitação intenso, uma especie de predisposição, que, em virtude d'um facto externo ou interno, um estimulo que seria aqui uma causa determinante, se diffunde por todo o organismo provocando gestos variados, saltos, corridas, series de gargalhadas?

O riso é pois aqui a estereotypia do prazer. E a despeito do que dissemos, do riso ser por vezes a mascara das lagrimas, do riso ser por vezes a expressão do terror que não da alegria, do pezar que não do contentamento, hom é emquanto a vida nos vae correndo por entre idealisações e risos.

Phenomenos respiratorios

Estudaremos agora os phenomenos respiratorios do riso. Já foi grande o papel que a theoria do riso diaphragmatico desempenhou na physiologia.

O velho Plinio (1) ao passo que attribuia ao diaphragma a subtilidade do entendimento, dizendo que era essa a razão porque tal musculo quasi não tinha carne, sendo exclusivamente nervoso e flexivel, reser-

(1) Plinio — *Historia natural*, liv. xi, pag. 149.

vava-lhe uma outra funcção importante, a de séde da alegria, argumentando, em pró da sua ideia, com descrições de batalhas e combates de gladiadores em que estes, apenas tivessem o diaphragma ferido, cahiam pela arena, exaustos, moribundos, rindo.

Segundo o mesmo auctor, no figado está o amor, no fel a colera, e o homem ao qual se tira o baço perde a faculdade de rir, dependendo o temperamento hilariante da atrophia ou hypertrophia d'este orgão. Não nos agrada isto. O riso está no baço ou no diaphragma?...

Tasso, ao escrever o seu poema *Jerusalem liberada*, faz morrer um dos seus mais valorosos e astutos cavalleiros de guerra ferido pela mão do feroz e indomavel Altamore, o qual, depois tambem, cabe em pleno campo e prestes a morrer, sorri ainda. O auctor seguindo as theorias de Plinio, accrescenta que o ferro da lança atravessara o diaphragma do seu heroe.

Poetas d'hoje, bastante versados no sentimentalismo e na arte de emocionar pela escripta, mas pouco conhecedores de theorias physiologicas, fazem cabir feridos de morte os seus heroes, não nas arenas da velha Roma, nem nos campos de Jerusalem, mas defronte de balcões romanticos em que pallidas Ophelias, perjuras a promettimentos feitos por calmas noites de luar, troçam da gratidão e fidelidade dos troveiros que morrem não se sabe de quê, cantando e sorrindo sempre.

Mas não são só os poetas. H. Milne Edwards (1) faz consistir a physiologia do riso, quasi exclusivamente, nas contracções convulsivas do diaphragma. Gustave le Bon (2) diz que o riso e o soluço são contracções espasmodicas e violentas do diaphragma.

(1) H. Milne Edwards—*Leçons sur la physiologie et l'anatomie comparée de l'homme et des animaux*, pag. 493.

(2) Gustave le Bon—*Le rire—Physiologie humaine appliquée à l'hygiène et à la médecine*, pag. 327.

J. Bedard (1) mostra-se indifferente; mas, pelo contrario, relatorios de medicos da Inquisição, archivados na Torre do Tombo, dizem que no supplicio do empalamento quando a haste profundamente enterrada fura, com a ponta aguda e penetrante, o diaphragma dos condemnados, estes teem verdadeiras crises de riso sardonico.

Nem ao menos n'esta affirmativa a Inquisição nos diz a verdade.

Não vence porém este movimento. Roy, apenas sahido da Escola de Paris, na these que defende e que intitula *Dissertation medicale sur le rire* (2), abre profunda brecha na theoria do riso diaphragmatico. Beaunis (3), Landois (4) e outros, já não se referem ao outr'ora tão apregoado papel d'aquelle musculo, e Dechambre (5), n'um esplendido artigo do seu dictionario, acaba por fazer desmoronar a poeirenta e velha theoria.

Pois, mechanicamente, em que consiste o riso senão n'uma serie de expirações successivas, cortadas de quando em quando por uma inspiração? O que mostra o seu graphico? E que é o diaphragma senão um musculo essencialmente inspirador? Tillaux (6) assim o affirma quando diz:

« O diaphragma, musculo essencialmente inspirador, augmenta pela sua contracção os diametros do thorax ».

Como conciliar então as duas ideias: uma serie de expirações realisadas por um musculo inspirador. Sendo o effeito da contracção muscular do dia-

(1) J. Bedard — *Traité elementaire de la physiologie humaine*, pag. 355.

(2) Roy — *Dissertation medicale sur le rire*, pag. 579-580.

(3) H. Beaunis — *Nouveaux elements de la physiologie*, pag. 229.

(4) L. Landois — *Traité de la physiologie humaine*, pag. 216.

(5) C. Dechambre — *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, art. *Rire*, pag. 61.

(6) P. Tillaux — *Anatomie topographique*, pag. 620.

phragma augmentar a cavidade thoracica, principalmente segundo o seu diametro vertical, com projecção das visceras para a parede anterior, isto é, realisando apenas actos inspiratorios, não se comprehende que esse musculo, entrando em convulsão espasmódica, possa produzir o riso.

Mesmo que se dissesse que o riso era produzido por uma convulsão do diaphragma, facil era provar o contrario, visto que uma convulsão não é mais do que uma contracção anormal, e uma serie de contracções bruscas do diaphragma não pôde trazer senão uma serie de inspirações, tendo nós então o soluço em vez do riso.

Quererá isto dizer que o diaphragma é totalmente posto de parte ao produzir-se o riso? Não. Quando o riso é moderado, as expirações são mais fracas, havendo alguns ligeiros movimentos inspiratorios. Intervem então o diaphragma. Mas quando o riso se torna violento, as expirações são curtas, bruscas, *saccadées*, succedem-se sem interrupção durante um certo tempo, até que se sente uma necessidade imperiosa de inspirar. Acontece porém algumas vezes que a inspiração assim tornada necessaria não se faz no momento preciso, e então o riso torna-se doloroso, sente-se na base do peito e na região lombar uma tensão insupportavel, a face azula-se ou avermelha-se, as veias do pescoço tumefazem-se, podem sobrevir movimentos convulsivos, a temperatura eleva-se, em resumo, ha uma enorme tendencia para a asphyxia.

Sobrevindo a morte no adulto, quando este esteja privado de ar durante um intervallo de tempo variavel entre 3 minutos e 50 segundos e 4 minutos e 40 segundos ⁽¹⁾, comprehende-se bem quão varios e desagradaveis podem ser os resultados d'uma crise de riso que se prolongue além dos limites marcados.

1833 311
MUSEO HIST.

(1) Ch. Vibert — *Précis de médecine legale*, pag. 126.

Corre na tradição popular a historia d'uma certa Maria Rita que morreu a rir. Á primeira vista pareceria inverosimil a versão; raciocinando porém um pouco, ella tem até certo ponto visos de realidade.

Os antigos (1) dizem-nos que Chrysipó, Sennis e Philenon morreram de riso.

Stanley Hall (2) conta-nos que um guarda de matto ao deparar com a mulher e os filhos mortos pelos indios, riu tão convulsamente que morreu d'uma ruptura vascular.

Perguntando-se aos defensores da theoria do riso diaphragmatico qual o elo que unia os musculos da face ao diaphragma, allegavam que esse laçovinha da anastomose do nervo facial e do phrenico, por meio do plexo cervical.

Vejamos onde nos leva esta hypothese. Se o nervo phrenico é capaz de actuar por intermedio do plexo cervical sobre os musculos animados pelo facial, de maneira a trazer convulsões de riso, quando estas se produzam, com mais razão, todos os musculos cujos nervos tenham anastomoses directas com o phrenico contrahir-se-hão tambem immediatamente, sendo portanto musculos expressivos do riso. Estão n'este caso a lingua, o trapezio e o esterno-mastoideo.

Terminando porém com esta já longa discussão sobre a theoria do riso diaphragmatico, e pondo de parte, por menos exacta, a opinião dos que affirmam que o riso é formado por uma serie successiva de pequenas expirações e inspirações, o que lembra a respiração d'um tysico ou d'alguma pessoa que sobe uma escada, resta-nos deduzir algumas conclusões, o que faremos no fim d'este capitulo.

(1) P. Raphael Bluteau — *Vocabulario portuguez e latino* pag. 344 e 500.

(2) Stanley Hall — *American journal of psych*, vol. VIII.

Phenomenos phoneticos

Na creança notaram diversos physiologistas e entre elles Gratiolet (1), que o riso principiava pela emissão das vogaes *i* ou *é* e a despeito das opiniões d'alguns escriptores antigos que pretendiam que de todos os animaes só os homens riam por possuirem «o couro mais fino e como tal mais sensivel» (2), Darwin affirma que viu no Jardim Zoologico de Paris uma especie de *cebus* (*C. hypoleucus*) emittir uma nota aguda e repetida (*i*), retrahindo as commissuras, o que, segundo o mesmo auctor, era um verdadeiro riso (3). Mas não é só este naturalista que affirma tal facto; Rengger estuda no Paraguay o *Cebus azarae* e conclue que o riso d'esta especie se traduz por um ruido particular que coincide com a retracção das commissuras. Duchenne conta que tendo domesticado um macaco e conservando-o durante bastante tempo em casa, quando lhe dava alguma guloseima, via os cantos da bocca levantarem-se ligeiramente, distinguindo-se então na face do animal uma expressão de satisfação semelhante a um esboço de sorriso e lembrando aquelle que se observa no rosto humano.

Parece pois bastante ousada a affirmacção de Bluteau e que vimos seguida por outros auctores coevos.

No homem o riso modula-se em timbres diversos e rythmos variados das vogaes *o* e *a*.

Seria por certo curioso discernir, segundo a theoria de Breal que diz «que bastou primitivamente uma simples vogal para exprimir uma ideia verbal» (4),

(1) Gratiolet—*De la physionomie*, pag. 115.

(2) Raphael Bluteau—Liv. já cit.

(3) Charles Darwin—*L'expression des emotions chez l'homme et les animaux*, pag. 144.

(4) Breal—*Grammaire comparée des langues indo-europeennes*, tomo I, pag. 223.

qual era a que, n'esse tempo, servia a significar o riso. Esse estudo porém, ainda embryonario, pouco nos diz. Querem alguns que essa vogal fosse o *i*, baseando-se em que a bocca no momento da sua emissão tem um aspecto caracteristico, pois toma a expressão do sorriso ou do riso, e ainda porque entre os derivados da raiz sanscrita *i*, indicando energia e movimento, são os radicaes *sim* e *pri* que significam o riso e a alegria.

Seja como for, o facto é que a letra *i* entra em grande numero de linguas na palavra riso. Assim além da lingua portugueza, temos: em francez, *rire*; inglez, *smile*; irlandez, *smigeath*; russo, *smieitsa*; slavo, *smi*; latim, *ridere*; etc.

19229 20561*

A primeira vibração do riso faz-se na larynge o que é demonstrado pelos graphicos. Mais tarde as curvas labiaes e laryngeas ou se desenhann parallelamente, se o riso é continuo, ou alternadamente, se o riso vibra ora na larynge ora nos labios e n'esse caso as oscillações compensam-se e inscrevem-se, alternadamente tambem, nas curvas labial e laryngea. O facto da primeira vibração do riso se produzir na larynge é devido a que os musculos vocaes são incomparavelmente mais moveis e impressionaveis do que os musculos faciaes e, por essa razão, o menor deslocamento de energia nervosa, desenha-se nos primeiros muito antes do que nos segundos.

Durante o riso o laryngoscopico diz-nos que as cartilagens ary-arytenoideas lateraes e crico-arytenoideas approximam as cordas vocaes, que a sua fenda é fusiforme durante a emissão do riso agudo, e ainda que a vibração se faz, sobretudo, na parte anterior. A epiglottle que, por vezes tambem, principalmente nas gargalhadas intensas, está completamente

levantada, facilita a passagem dos alimentos e das bebidas para a trachêa.

* * *

Concluindo:

- A aura é o inicio do ataque do riso.
- A theoria do riso diaphragmatico deve ser posta de parte por menos verdadeira.
- O riso não é privativo da especie humana.
- A primeira vibração do riso faz-se na larynge.
- O riso consiste n'uma serie de expirações successivas, cortadas de quando em quando por uma inspiração.
- Os seus agentes musculares são além dos musculos da face já mencionados, essencialmente os expiradores.

CAPITULO III

O PRIMEIRO SORRISO

(EVOLUÇÃO)

O riso na creança

Poucos phenomenos se dão nas creanças de que as mães sejam melhores observadoras do que da apparição do primeiro sorriso. Esperam-no anciosas, provocam-no, fazendo coegas nos pequenitos, rindo-lhes por seu turno como que utilizando inconscientemente o contagio, mostrando-lhes brinquedos de côres vivas, levando-os a olhar scenas movimentadas. Um comboio que passa, uma nora cujos alcatruzes fazem escachoar a agua, um bando de pombas que, em revoadas francas, recortam o espaço, tudo lhes serve de pretexto para que a creança esboce essa modificação physionomica que ellas tanto desejam, tanto aneiam—o primeiro sorriso. E assim que elle apparece, que triumpho! Que felicidade e que prazer indizível ao vêrem as creanças deitadas no berço, sorrindo com os bracitos roseos sahindo para fóra das rendas caras, as madeixas louras a ondearem sobre a alvura dos linhos perfumados de rosmaninho e alfazema.

O sorriso de uma creança é como que um alvorecer de esperanças em leitos de illusões; é como que um desabrochar de rosas por manhãs purpurnas de abril. E as mães que vêem n'esse sorriso o

esboço de um futuro longinquo entrecortado de encantos, que fazem d'elle a synthese d'alguns dias de amor, cheios de ventura, que o sonham como uma aureola de luz meiga a amenisar-lhe tristuras, a acalentar-lhe magoas, aguardam-no anciosas, estudando attentamente a creancita que acalentam nos braços, procurando interpretar no seu primeiro sorriso ou dias cheios de carinho ou repletos de desillusões.

João de Deus (1) o poeta do riso e das flôres, esse homem que tinha nas suas poesias os effluvios subtis e penetrantes dos calices das magnolias, esse cantor em cuja lyra vibravam as gargalhadas argentinas das creanças, já escrevia:

Que riso affavel

Aquelle riso,

Que paraizo

Aquella bôca;

Penetra, toca,

Enche de inveja

Um ar que seja

Da sua graça.

Onde ella passa,

Onde ella chega,

Quem lhe não prega

Olhos avaros

Ha dotes raros,

Rara doçura

N'aquella pura,

Casta existencia.

E quantas lagrimas esse paraizo por vezes não encerra, quantas tardes plumbeas em vez de auro-
ras doiradas, quantas manhãs de desalento em vez
de amorosos alvôres.

Inqueritos feitos sobre a idade do primeiro sor-

(1) *Campo de Flôres* — «Enlevo», 1896, pag. 24.

riso não são de hoje. Plínio, no livro II, tomo I, da sua *Historia Natural* já nos diz: « *Has (lacrymas) pro-
tinus vitae principio; at hercules risus, praecox et
celerrimus ante quadragessimum diem nulli datur* ». O
mesmo auctor porém citá, como extraordinario, que
Zoroastro foi o unico que riu no momento em que
nascia. Prognosticaram até esse riso como presagio
de um grande saber, e, na verdade, o seu poder
como inventor das artes magicas teve uma enorme
esphera onde se exerceu; de nada lhe valeu porém
porque sendo Zoroastro, rei dos bactrianos, Nino, rei
dos assyrios, moveu-lhe tal guerra que o destruiu por
completo. De pouco lhe serviu o riso e o prognostico.

Darwin que se dedicou muito tenazmente a estas
observações e submetteu seus filhos a um estudo
attento e continuo, conta-nos que « um d'elles achando-se
n'uma feliz disposição de espirito sorriu na
idade de quarenta e cinco dias, retrahindo-se-lhe as
commissuras e tornando-se-lhe os olhos mais brilhan-
tes. Durante os quinze dias que se seguiram os olhos
da creança brilhavam d'uma maneira notavel de cada
vez que sorria. N'uma segunda creança observei pela
primeira vez um verdadeiro sorriso aos quarenta e
cinco dias e n'uma terceira um pouco mais cedo. Aos
sessenta e cinco dias o sorriso da segunda creança
era perfeitamente nitido ».

Tiedman diz-nos que seu filho, que, em geral, se
mostra em tudo d'uma rara precocidade, sorriu cinco
dias depois de nascido sem intenção nem sentimento
de prazer, m'eração por acaso.

Perez assegura que muitas creanças sorriem antes
dos trinta dias. Segundo Preyer o sorriso e o brilho
dos olhos aos vinte e quatro dias indicam a alegria;
aos sessenta dias uma creança já gosta d'ouvir cantar.
Bernardino Machado ⁽¹⁾, um erudito que tem pas-

(1) Bernardino Machado — *A educação* — *Notas de um pae*,
1899, pag. 53.

sado toda a sua existencia em delicados estudos, diz-nos no ultimo livro que publicou:

« Já na primeira semana, o contentamento das creanças é visivel ao despirem-nas, por se livrarem do vestuario que lhes embaraça os movimentos. No berço, logo que podem, deitam os bracinhos de fóra e pernas e braços são uma dobadoira: não ha roupa que pare em cima d'ellas. Desde o quarto mez apprehendem com gaudío qualquer objecto, e como ainda não teem força nas mãos, mettem quanto apanham na bocca e mastigam-não.

E vê-as no banho, onde já aguentam com o seu peso, bracejar, pernear, rebolar-se. E a sua satisfação não provém tanto da tepidez da agua como da facilidade dos seus movimentos. Mal começam a andar, correm, vôam; até, por isso, a certos aparelhos que lhes facilitam os primeiros passos se dá o nome de voadores. E dentro em pouco pulam, saltam, trepam, não quedam um instante. Bolem em tudo; e, como os animaesinhos, de tudo fazem gato-sapato.

E o que são de palradoras! Deitam a correr para nós para nos contar o que viram ou pensam. Gesticulam com todo o corpo! São notaveis os seus dotes theatraes: a volubilidade da physionomia, as modulações da voz e a abundancia e graça do gesto fazem d'ellas uns actores deliciosos ».

Observações a que pessoalmente procedemos dizem-nos que as creanças começam a esboçar um sorriso entre um e dois mezes, havendo algumas que riem já, antes de terminados os primeiros trinta dias.

O desenvolvimento do riso na creança tem como que alguma analogia com o que se passa nos movimentos habituaes do corpo, por exemplo, a marcha.

Os musculos cuticulares seguem uma evolução parallela á dos centros psychicos, e a sua individualisação como as suas multiplas associações são reguladas pelo desenvolvimento cerebral.

Por vezes torna-se facil confundir o sorriso de uma creança com certos movimentos de contracção

espasmodica, e que são produzidos pela dôr. Essa confusão porém só pôde ser feita por extranhos. As mulheres, com a hyperpercepção que lhes advem da maternidade, como que adivinham o sorriso nas creanças, não se deixando illudir jámais. Certa vez seguindo attentamente a evolução das modificações physionomicas n'uma creança, disse-me a mãe que ella já tinha sorrido. Admirei-me e duvidei, attenta a sua pequena idade — dezeseis dias apenas. O facto porém confirmou-se dentro de algumas horas de observação. A creança sorria sempre que lhe faziam cocegas nas faces.

As creanças a principio sorriem ignorando que o seu sorriso exprima qualquer cousa; riem de nada, muitas vezes correspondem pelo seu sorriso ao riso da mãe. Já Baudelaire (1) dizia: « *Le rire des enfants, c'est la joie de recevoir, la joie de respirer, la joie de s'ouvrir, la joie de contempler, de vivre, de grandir: c'est une joie de plante* ». Mais tarde, porém, a essa nota alegre da linguagem natural junta-se uma intenção, tornando-se um ensaio de linguagem artificial que tem por principio a correspondencia de certos movimentos organicos com as sensações e sentimentos experimentados. O riso espontaneo, torna-se consciente; o riso mechanic, torna-se voluntario; sendo primeiro produzido pelo instincto é mais tarde aperfeçoado pelo prazer e pela utilidade.

Uma modificação extraordinaria se passa no caracter da creança durante a dentição; ha uma ausencia completa de riso e de sorriso, uma tristeza continua lhe ensombra a physionomia, differentemente do que se observa no principio das doenças graves, sobretudo no periodo prodromico da meningite em que a creança parece sorrir quando dorme (2).

(1) Baudelaire — *Curiosités esthétiques* — *Le rire*, cap. vi.

(2) Landouzy chama *aspmico* a este sorriso — *Convulsions et paralysies liées aux méningo-encéphalites*, pag. 190 e 165, obs. LXVII e LXVIII.

E é por vezes bastante longo este periodo de melancholia. Os vinte dentes temporarios, mais geralmente chamados dentes do leite, sahem por grupos e senão n'uma ordem que se possa reduzir a uma lei, é no emtanto observada com bastante frequencia.

O primeiro grupo comprehende os dois incisivos médios inferiores; o segundo os incisivos superiores, os médios primeiro e os lateraes em seguida, de maneira que quando a creança tem seis dentes tem quatro em cima e dois em baixo; o terceiro grupo comprehende os dois incisivos lateraes inferiores e os quatro primeiros molares; o quarto, os caninos, e o quinto, finalmente, os quatro ultimos molares. Por vezes, embora raras, o apparecimento dos incisivos médios inferiores antecipa-se ao dos incisivos médios superiores; os pequenos molares veem antes dos incisivos superiores ou dos incisivos lateraes inferiores.

Embora a experiencia tenha demonstrado que se torna impossivel fixar a época da denciação, parece ter-se concluido que esta é mais precoce nas raparigas do que nos rapazes; os seus limites porém são variabilissimos, e assim é que se ha certas creanças que nascem já com os dentes — em geral os incisivos médios — outras se vêem nos quaes o primeiro dente se mostra só aos dezoito mezes e ainda mais tarde.

A época da apparição do primeiro dente parece contudo que se póde fixar, pois as mães espiam-na com uma particular sollicitude e sentem verdadeira alegria ao vê-lo nascer. Essa época oscilla entre os seis e nove mezes.

Por vezes não é só a mudança de character traduzindo-se por tristeza e prantos continuos, a desappareição do riso, que se observa nas creanças. Ha um estado febril manifesto, agitação, insomnia, um quadro de symptomas que em regra desapparecem com a apparição do dente (1). No rachitico todos estes phe-

(1) A. Trousseau — *Clinique Medical de l'Hotel Dieu de Paris*, vol. III, pag. 163.

nomenos se accentuam. A creança que até então se alegrava com as caricias que lhe dispensavam parece receal-as; quando nos approximamos do leito onde repousa, o seu rosto exprime a anciedade e o temor. Emfim, a despeito de tudo, os dentes necessarios a realçarem o riso installam-se um a um, fazendo rebrilhar o seu plano de esmalte por baixo dos labios que a hematose ruborisa, atravez da sua fina trama epithelial.

O riso no adulto

No adulto o riso é provocado por causas muito differentes d'aquellas que bastam a produzi-lo na creança, e sobre esse assumpto bastante se tem escripto, chegando-se á conclusão de que, no mundo externo, o ridiculo e o risivel são as causas mais frequentes do riso. Como discernir porém o que seja o ridiculo do que seja o risivel? Começa ali a grande difficuldade e como, que saibamos, não se tenha ainda chegado a uma resolução, achamos que melhor será não demorar n'este assumpto, tão bem explorado por diversos auctores (1), e que nos levaria a encher algumas paginas sem que de positivo se podesse tirar uma unica conclusão.

Physionomistas entre os quaes Lavater occupa um papel primordial (2), dizem que para se conhecer o caracter e o grau de um individuo basta « consultar o seu riso ». Segundo elles, o riso é a pedra de toque

REVISTA DE PHILOSOFIA

(1) C. Hanau — *Rivista di filosofia scientifica*, out.. 1898.
— Pierre Larousse — *Grand dictionnaire universelle du XIX siecle*, pag. 1227, art. *Rire*.

— Coquelin — *Le rire*.
— Louis Philbert — *Le rire — Ensaie litteraire, moral et psychologique*, todo o volume mas especialmente o cap. II.

(2) Gaspard Lavater — *L'art de connaitre les hommes par la physionomie*, vol. IV, pag. 243.

do juizo, das qualidades de coração, da energia de character; exprime o amor ou o odio, o orgulho ou a humildade, a sinceridade ou a falsidade. Com um riso agradável não se pôde ser mau.

Christo nunca riu, dizem os historiadores, mas sorria frequentes vezes; esse sorriso exprimia a caridade fraterna, a crente idealisação dos tres principios equalitarios que elle, como louco visionario, anhelava para toda a humanidade.

Se o que muito ri é um insensato, ~~le dá~~ nos diz o rifão

«Muito riso

Pouco sizo»

o que de tudo ~~chora~~ é ~~uma~~ creança, um imbecil ou um mau.

O riso, cavando fossetas lateraes ~~as~~ commissuras, tem, até certo ponto, uma relação moral com o character do individuo. Hgart notou em varias observações que publicou, que as linhas ondeadas dos labios e face dão um especial encanto á physionomia e traduzem, em regra, uma alegria real e sincera; se, pelo contrario, essas linhas em vez de sinuosas são rigidadas e direitas, a alegria é falsa, affectada, superficial.

Como exemplos de reproducção fidedigna do riso citaremos o quadro de Posmin, representando a resurreição de uma creança operada por S. Francisco Xavier. O riso da mãe, que assiste ao milagre, é perfeitamente real. O riso de Silena, que se sente agarrada por um satyro, no quadro de Coypel, dir-se-hia que é verdadeiro.

Sem nos querermos ligar por completo ás theorias de Lavater, o certo é que um riso franco, um sorriso bom, attrahe-nos por completo, pois o prognosticamos de lealdade e honradez, o que não obsta a que, n'este mundo de egoismo e velhacaria em que lidamos, elle para ahi se exhiba frequentes vezes no facies do hypocrita, do canalha e do dissimulador.

O riso nos velhos

Nos velhos, a queda dos dentes e o gasto dos rebordos alveolares diminuem grandemente a altura da porção buccal; a apophyse coronoidea levanta-se, o angulo do maxillar abaixa-se, os alveolos limam-se, por vezes, até aos buracos mentonianos. As dimensões transversas da face approximam-se da sua configuração primitiva, differindo contudo em que o mento que na creança e no feto é fugidio, dirige-se para deante ao encontro do nariz e a linha symphysiana é obliqua para baixo e para deante.

No rosto do velho já se não olha aquelle conjunto de traços que tornam a alegria do adolescente tão rapidamente communicativa. As rugas que lhe sulcam as faces, como que evocam em nós recordações e tempos idos, como que nos lembram paysagens da mocidade em que a alegria esfusiava, transbordando das nossas illusões. O riso do velho recorda-nos um poente cheio de uma luz suave e pallida em que o sol debatendo-se entre as nuvens viesse oscillar, de manso, as velas brancas das moletas que singrassem para longe, feitas de linhos tecidos em alegrias e esperanças e que a pualha de oiro do pôr do sol esmaecesse em melancholicas recordações.

* * *

Concluindo:

- O primeiro sorriso apparece na creança, em regra, entre um e dois mezes.
- O riso desaparece durante a dentição.
- O ridiculo é a causa mais frequente do riso.

CAPITULO IV

O RISO—MODALIDADES

Além das variedades a que acabamos de nos referir no capitulo anterior e que constituem a evolução do riso nas diferentes idades, outras existem inherentes a certas condições individuaes, taes como temperamentos, raça e contagio (?) e modalidades externas, especialmente climas e temperatura que, muito de leve, vamos esboçar.

Temperamentos

Comprehende-se que nem todos tenham igual tendencia ou facilidade de rir e que hajam mesmo muitos individuos que nunca tenham rido. A Historia conta-nos que Anaxagoras, Aristophanes e Socrates nunca se riram. Cantão e Phocion nunca descerraram os labios n'um sorriso, mas pelo contrario, e a estes exemplos já nos referimos, Chrysipo e Sennis *morrem de riso* (1).

Uma mulher romana vendo que seu filho voltava

(1) Vid. nota a pag. 36.

da batalha de Cannas, onde o julgava morto, tem um violento acesso de riso a que succumbe; o papa Leão X ao ser advertido da chegada do principe de Milão, que ardentemente desejava, morre, rindo. Aulu Gelle falla-nos ainda do celebre banquete em que tomaram parte, Polycrita, fidalga de Naxos, Philippides, poeta comico, e Diagoras, da ilha de Rhodes, que não podendo supportar a alegria violenta em que se debatiam, fallecem no meio das mais estrondosas gargalhadas.

E para que citar mais factos? Philenon vendo um burro comendo uns figos, unico prato que lhe constituia o almoço, morre á força de riso. Feré, n'um dos seus livros (1), descreve ainda observações analogas. Ha uma época na Grecia e Roma em que o riso normal se torna epidemico, de communicativo.

Lycurgo (2), o sabio legislador, manda levantar uma estatua ao riso; Philostrato, deifica-o. Os romanos organisam em sua honra jogos floraes, a que concorre tudo que de mais nobre se encontra na cidade e arredores; batem-se campeonatos; estabelecem-se premios; Celio compõe hymnos que são recitados pelos actores de maior popularidade; os habitantes da Thessalia sacrificam todos os annos em honra do novo Deus. O riso invade tudo, desde a viella mais immunda aos arredores do Forum; desde a choupana mais rude ao palacio mais sumptuoso.

A Academia de Athenas, onde se não chega a realisar uma sessão que não tenha de ser encerrada de prompto, tal o riso que se apossa dos mais sisudos dos seus membros, estabelece uma lei energica e decisiva, em que, sob penas severas, é prohibido rir. Ao mesmo tempo que o riso tudo invade, a volupia e a lascivia desregram os povos; nos socalcos das estatuas do Riso collocam-se figuras lascivas de Ve-

(1) *Pathologie des emotions*, pag. 234.

(2) Raphael Bluteau — Liv. e pag. já cit.

nus, fazendo viver no marmore branco a queitura da carne.

E de passo com o enorme descalabro que por toda a parte se estende, a ruína alastra-se, começa uma vida de fadigas em que a vitalidade dos povos sossobra, em que a energia e a iniciativa se extinguem, confirmando-se assim o rifão portuguez:

«No riso são os doidos conhecidos».

Povos que assim se desfreiam n'um nervosismo extremo de riso, teem de occupar n'este modesto volume um logar primordial. Os jonicos tornam-se tão notaveis em rir, que o seu riso toma o nome de *riso jonico*. Em Megaria o riso toma uma fôrma tão intempestiva e pouco justificada, que lhe chamam *riso megarico*. Quintiliano dizia que esta maneira de rir pertencia áquelles que antes querem perder um amigo que um bom dito. Da Sardenha vem o *riso sardonico*. O riso de tal modo impéra n'esta ilha, que os seus habitantes chegam a comer uma herva chamada *apiastram*, doce mas venenosa, e que em pouco tempo lhes provoca a morte. Em 1590 o facto torna-se conhecido em extremo, a população ingere a *apiastram* para rir, e rindo morre; o governador, marquez de Tavera, desejando saber a verdade do facto, mandou, segundo auctores coevos, «lançar hua bôa quantidade de çumo della em hum pouco de vinho tinto que deu a um Turco cativo (o qual por certos delitos estava sentenciado á morte), e foy tal a virtude, & força do veneno, que no espaço de hum quarto de hora começou o Turco a rir continuamente, mas de tal modo que mais parecia apertar os dentes com rayva, que com alegria e que finalmente alguas horas depois, dando estes risos mudos & forçados pela violenta contracção dos nervos (causada pelo veneno da herva), acabára».

Alguns querem que o *riso sardonico* derive do riso que os velhos de mais de setenta annos tinham

ao serem sacrificados, julgando cousa vergonhosa mostrar sentimento ou tristeza no sacrificio.

Hoje, abundando para ali chloroses e anemias, estando a vida sobrecarregada e impossivel, o meio mau, levando a população uma lucta de protesto continuo por comicios e representações, parece que Portugal deveria ser dos paizes que menos riem. Julgamos que se dá o contrario.

Raças

Um phenomeno commum a todas as raças humanas é a effusão das lagrimas sobre o rosto, debaixo da influencia d'um riso intenso. Os povos selvagens são os mais exuberantes na sua alegria. Assim, as mulheres malaias riem muito frequentemente; ás dyakes, de Borneu, succede o mesmo; os australianos saltam, batem as mãos em signal de alegria e dão, sorrindo, verdadeiros rugidos, levando a sua alegria até ao ponto de as lagrimas lhes inundarem as faces.

Livingston diz que os sons do banjo fazem rir e chorar todos os negros (1).

M. Bulmer que percorreu, como missionario, parte da Africa Austral, especialmente Victoria e Nyassa, notou que os naturaes tem o sentimento muito vivo do ridiculo, sendo excellentes mimicos; quando um d'elles se diverte a imitar os modos de algum membro da tribu que está ausente, todos riem, estorcendo-se em verdadeiras convulsões. Os cafres e os hottentotes improvisam danças em que fazem esgares e risos varios. Os cabindas, nos seus batuques, e isto tivemos occasião de verificar durante a nossa estada na Africa Occidental, sorriem ao mesmo tempo que dançam e cantam.

(1) Darwin — *L'expression des emotions chez l'homme et les animaux*, pag. 225.

O riso do prognata é largo, saliente, carnudo; o do orthognata é debil e bem delineado.

Cooper conta que ao chegar junto do Niagara, um dos negros da sua caravana ficou de tal modo impressionado com a vista da imponente cataracta, que esteve meia hora rindo, com pequenos intervallos.

Na India, os philosophos fazem a seguinte classificação do riso: *hasita*, o riso em que mal se descobrem os dentes, isto é, o sorriso; *oupahasita*, o riso quando vae até ao pranto; *atihhasita*, o riso a que nós chamamos « bandeiras despregadas » (1).

Na Europa, os povos do Norte, trabalhadores e activos, pouco riem. A sua actividade é exgotada pela sobrecarga de occupaões; o commercio, sobretudo, afadiga-os, prende-lhes a attenção, sempre ligada a uma transacção valiosa, a um movimento continuo. Montesquieu chegou a afirmar que nem forçando os moscovitas elles consentiriam em rir. Froissart descrevendo uma festa em Inglaterra diz: « elles comeram e divertiram-se muito tristemente á moda do seu paiz ». Na Europa meridional, os francezes são bem conhecidos *pour leur humeur rieuse*. O provençal ri immenso. Mistral attribue-lhe a canção: « *Mon âme est en joie* ». No Sul temos, por exemplo, a Italia, paiz dos sonhos e das lorangeiras em flôr, d'uma miseria physiologica extrema, que gasta muita da energia que lhe resta, rindo. O lazzarone de Napoles é o typo caracteristico do rir italiano.

A Hespanha que abandona os conventos pelas praças de touros, que, com a mesma facilidade, vae ouvir um *Stabat-mater* ou vêr estripar seis cavallos, ri immenso, perdidamente. Já ahí se lhe conhece a frivolidade. As suas *peteneras* sorriem nos accordes langorosos das violas e estorcem-se, em convulsivas gargalhadas, no redopiar febricitante das pandeiretas.

(1) *Dictionaire Encyclopedique*, art. *Comédie*, pag. 174-175.

Contagio

Que o riso é eminentemente contagioso, ninguém o pôde contestar. A interpretação scientifica do facto é que, durante largos annos, passou desapercibida, sendo Chevreul o primeiro que procurou explical-o por uma theoria que se baseia no poder motor das imagens, theoria incompleta, de que mal nos chegam retalhos e que Binet reconhece como insufficiente (1).

A tendencia determinada em nós pela vista d'um corpo em movimento, diz Chevreul, acha-se em muitos exemplos:

« 1.º Quando a nossa attenção está inteiramente fixa n'uma ave que vôa, n'uma pedra que fende o espaço ou na agua que corre, o corpo do espectador dirige-se d'uma maneira mais ou menos pronunciada para a linha do movimento;

« 2.º Quando um jogador de bola ou de bilhar segue com a vista o movel a que imprimiu movimento, dirige o seu corpo na direcção que deseja vêr seguida por esse movel, como se fosse possivel ainda dirigil-o para o alvo que quiz fazer attingir;

« 3.º A tendencia ao movimento n'um sentido determinado, resultando da attenção que se dá a um certo objecto, parece-me ser a primeira causa de muitos phenomenos que se attribuem, em geral, á imitação. Assim no caso em que a vista e mesmo a audição leva o nosso pensamento a uma pessoa que dança, o movimento muscular da dança produz-se immediatamente em nós. Poderei dizer outro tanto do contagio do riso e apresento mesmo este exemplo antes de todos os outros analogos, trazendo em apoio da minha interpretação que assim como as oscillações do pendulo, suspenso na mão, parecem augmen-

(1) Binnet—*Les alterations de la personnalité*, pag. 212-221.

tar debaixo da influencia da vista, assim tambem o riso que, a principio, vêmos fraco pôde acelerar-se indo até ás convulsões » (1).

Na verdade nós nem podemos vêr, nem ouvir, nem sentir, d'uma maneira geral, um individuo n'um estado affectivo qualquer, sem que os nossos órgãos partilhem tambem das modificações experimentadas pelos d'esse individuo, n'uma medida proporcional á nossa excitabilidade. É por demais vulgar e conhecida a influencia do bocejo. Nós proprios fizemos experiencias a este respeito e que corroboraram o que dizemos.

O choro parece menos communicativo. Em todo o caso todos se recordam da rapidez com que as lagrimas se alastram por uma plateia popular no final do sexto ou sétimo acto d'um drama de capa e espada.

O riso propaga-se na multidão frequentes vezes, sem despertar a consciencia individual, por uma simples imitação reflexa de movimentos. O conhecimento das causas que o provocam augmenta-lhe a intensidade; demonstra-o a observação.

Shakespeare affirmava: « Nós não conhecemos os outros senão por nós mesmos, vibrando em unisono com elles para melhor os conhecermos ».

Mas, sendo o riso contagioso, poderá o homem crear a sua immuniidade? Ahí está um problema de difficil resolução.

Climas — Temperatura

Não é de todo para desprezar a influencia do clima e da temperatura no riso, e hoje parece averiguado que se ri mais de verão que de inverno.

(1) *Carta de Chevreul a Ampère—Revue des Deux Mondes*, maio, 1831.

Os antigos já diziam que um clima frio, sombrio e severo fazia contrahir hábitos tristes, que, transmittidos durante algumas gerações, fixavam a melancolia da raça.

Vogt, notou que as oxydações são mais lentas de novembro a março, e que a animação é muito mais differente nas ruas cheias de sol; affirma até que certas pessoas teem o riso primaveril. O mesmo auctor nota que á medida que o frio se torna mais activo, o systema vaso-motor é menos sensivel á acção dos diversos estimulantes naturaes ou artificiaes.

Além de que não é só sobre o riso que o tempo exerce a sua influencia. Mr. Dexter fez um estudo especial da influencia exercida pelo tempo sobre o estado mental das pessoas, baseando-se nas observações do posto metereologico de New-York, que permittem determinar, para os 3650 dias dos annos de 1888 a 1897 inclusivé, a percentagem exacta dos dias com bom tempo, com ceu coberto ou com chuva. Duas novas percentagens se fizeram relativas á temperatura, que se dividiu em grupos de 5 a 10°, 10 a 15°, 15 a 20°, e ao estado hygrometico do ar.

Dexter (1) chegou depois aos resultados seguintes:

—As temperaturas moderadamente elevadas coincidem sempre com o augmento do numero de casos considerados; ás temperaturas frias corresponde uma diminuição. Com as baixas temperaturas predominam obitos, suicidios e erros bancarios.

—As fracas alturas barometricas dão logar a augmento de aggressões, rixas e suicidios. O auctor julga porém que deve ser incriminada não a densidade da atmospherá mas o estado metereologico correspondente.

—O vento provoca um accrescimo de aggressões

(1) Dexter — *La science illustrée*, 1899.

e desordens, dando-se o contrario quando a atmospheria é calma; exceptuam-se os suicidios que são mais frequentes durante maio e junho.

É bastante curioso este estudo, e pena é que elle se não possa applicar exactamente ao riso.

* * *

Concluindo:

— O riso parece estar na razão directa da frivolidade.

— Os povos selvagens são os mais exuberantes na alegria.

— É difficil, senão impossivel, crear a immuidade do riso.

SEGUNDA PARTE

O RISO PATHOLOGICO

CAPITULO I

O RISO EM SEMEIOLOGIA

(GENERALIDADES)

Ao entrarmos na segunda parte do nosso trabalho, cabe-nos o dever de confessar que nem no que segue, nem no que fica escripto, se deve vêr um estudo completo ácerca do riso. Os poucos recursos que possuímos para tratar este assumpto, a lide ininterrupta do 5.º anno de medicina e ainda occupações particulares nas quaes gastavamos alguns dos poucos momentos que nos ficavam livres, de tal fôrma nos tomavam o tempo que esses capitulos que constituem a dissertação por força d'isso se devem resentir, já no que diz respeito ao seu conjuncto, já, isoladamente, na materia que se trata em cada um d'elles. D'ahi, por certo, a existencia de lacunas, de falhas, que não devem causar admiração, dado o accidentado do periodo em que se tratou a materia.

Se na primeira parte da nossa these — o riso normal — não nos propozemos, como confessamos, a fazer um estudo completo, agora menos recursos temos ainda que nós habilitem a escrever a segunda — a pathologia do riso. Esse trabalho cabe áquelles, cujo nome, aureolado já, é garantia sufficiente do seu estudo, e não a nós que, mal sahidos da Escola, somos forçados a escrever um trabalho qualquer scientifico,

sem tempo para o preparar, dadas as exigencias da vida, sem bases que advenham da nossa pratica, porque pouca temos, sem recursos de litteratura que amenissem o estylo porque, do nosso lado, de nenhuns podemos dispôr.

Escrevendo isto, nada mais se faz do que cumprir a lei.

* * *

O riso não desempenha em semeiologia o pequeno papel que inadvertidamente se lhe poderia attribuir. Monneret (1) diz-nos que logo que a respiração se torne mais energica e precipitada, logo que algum obstaculo impeça a penetração do ar no apparelho broncho-pulmonar, se vêem as azas do nariz dilatar-se e as commissuras, os labios e as palpebras moverem-se synergicamente, o que traz á face a expressão d'um riso, d'um rictus ou espasmo cynico que, segundo o mesmo auctor, é frequente no emphysema, na pneumonia, nas affecções cardiacas e nas hemorragias.

Nas doenças convulsivas, o doente começa a rir, sem por vezes ter a consciencia do seu riso; na meningite, por exemplo, o enfermo esboça um sorriso inteiramente semelhante ao sorriso physiologico. O riso pathologico umas vezes, mostra-se só d'um lado da face; outras, complica-se com a contracção de diversos musculos faciaes, do que resulta as expressões mais extravagantes (2).

Na tuberculose, doença que está chamando actual-

(1) Monneret — *Pathologie generale*, vol. III, pag. 174-176.

(2) Pierret — *Leçons cliniques*.

mente a atenção de todo o mundo curto, o riso esboça-se nos lábios já quando o doente caminha, a passos agigantados, para a sepultura. Todos nós, mais ou menos, temos notado o facies caricioso e meigo do tuberculoso; a ruborisação das suas faces, o azulado das conjunctivas, o avelludado dos cílios, o sorriso que esboçam nos lábios pallidos, tudo parece attrahir-nos para esse ser que, já visinho da morte, confia ainda na cura, e entrega o espirito aos mais ridentes projectos, ás mais phantasticas divagações. A pouca energia que lhes resta diffunde-se no sorriso que a morte, por vezes, vem immobilisar. A accleração momentanea da circulação cerebral, produzindo-lhe uma excitação superficial, leva-os a idear as maiores chimeras, as concepções mais irrealisaveis.

* * *

Decerto que seria de bastante valor escrever a pathologia do riso, phrase que á primeira vista parecerá paradoxal, pois de ordinario a alegria, o prazer, o riso é a expressão da saude. Infelizmente, porém, que saibamos, apenas ha pequenos estudos sobre o assumpto, informações incompletas, fragmentos dispersos por jornaes scientificos, a que só um trabalho de investigação de muitos mezes e de vagarosa coordenação poderiam dar vulto, para levar a cabo obra de maior tomo.

O estudo desenvolvido do riso nos varios estados pathologicos, como por exemplo na atrophia muscular da infancia, na ictericia grave e no tetano, nos estados patho-psychiatricos como na hemiplegia, choréa, hysteria e epilepsia, e ainda nas psychoses, seria de um alto valor semeiologico, e estamos certos que, não muito tarde, alguém virá supprir essa lacuna.

Sem pretensões a tomar sobre nossos hombros o

encargo de tão temeraria empreza, só esboçaremos algumas linhas sobre o riso na hysteria, epilepsia e tetano.

* * *

Concluindo:

—O riso é tambem um elemento de diagnostico.

CAPITULO II

O RISO NA HYSTERIA

O riso é, por vezes, o symptoma mais significativo da hysteria (1). Dechambre (2) affirma-nos que podemos declarar hystericas as mulheres que se nos queixam de accessos de riso sem causa apparente.

O riso hystérico caracteriza-se essencialmente por contracções espasmodicas dos musculos da larynge, produzindo-se debaixo da influencia de causas insignificantes, durando muitos quartos d' hora e sendo por vezes entrecortado de choros convulsivos (3). A idade exerce uma grande influencia sobre estes ataques de riso, que são particularmente frequentes nas hystericas precoces e n'aquellas em que os accessos de hysteria são agitados e turbulentos. Eis uma observação que confirma o que dizemos.

OBSERVAÇÃO 1 — F., 12 annos, hystérica, tem quotidianamente ataques convulsivos. A crise principia por grandes gar-

(1) Tebaldi — *Fisonomia*, tomo xxxviii.

(2) Dechambre — *Dictionnaire des sciences medicales*, livro e artigo já citado.

(3) M, Rosenthal — *Traité clinique des maladies du système nerveux*, pag. 476.

galhadas; subitamente levanta o braço direito; agita-o, como para fazer estalar um chicote, corre ao longo das ruas, salta, trepa ás arvores, dá cambalhotas, walsa sobre as mezas, rindo sempre a bandeiras despregadas. O accesso de riso dura uma hora. (MOTTARD).

O riso hysterico póde apparecer como manifestação unica do accesso convulsivo, não se ligando a nenhuma outra fórma d'hysteria, não alternando com a menor crise e constituindo o estado a que Trousseau chama de « mobilidade nervosa » (1).

O professor Roberto Frias conta entre os seus clientes uma senhora cujos accessos de hysteria são apenas constituídos por ataques de riso, de duração variavel, e que terminam por longas crises de lagrimas.

O mesmo professor, a quem exaramos os nossos agradecimentos pelas informações que de tão boamente nos forneceu, contou-nos o seguinte facto, que, com a devida venia, publicamos.

« Quando estudante, um meu condiscipulo e companheiro de casa foi atacado, repentinamente, por um accesso de riso que durou um quarto d'hora approximadamente, terminando por uma syncope. Este individuo tinha uma tara nevropathica e era alcoolico ».

Na enfermaria n.º 8 do Hospital da Misericordia está ainda em tratamento uma doente, Aurora da Piedade, de 21 annos, que, já aos 12, tinha ataques de hysteria, nos quaes o riso era frequente. Certa vez, ao descer uma escada, teve tal accesso de riso que se desequilibrou, cahindo e ficando com o braço direito luxado. Esta doente tirou bons resultados dos banhos de chuva.

Vimos que o riso póde, só de per si, constituir o ataque hysterico. Isto porém não é frequente, e as mais das vezes coexiste com crises de medo, como

(1) Trousseau — Liv. já cit., vol. II, pag. 277.

na doente Lucia Maria Veiga, de Moncorvo, ha tempo em tratamento na enfermaria n.º 8, e que no fim da convalescença de uma hysterectomia abdominal, se levantava de noite, com accessos de medo que terminavam por ataques convulsivos de riso, procurando a enferma refugiar-se na cama das outras companheiras de enfermaria.

Nas hystericas a quem, pelo facto de qualquer intervenção cirurgica, se tem de fazer anesthesia chloroformica, sobreveem por vezes accessos de riso que, ou são rebeldes e só curam pela suggestão, tal a observação II, ou então terminam por uma syncope ligeira, durando o riso um intervallo de poucas horas, como tivemos este anno occasião de vêr na nossa pratica de clinica cirurgica, facto que reproduzimos na observação III.

OBS. II — M., 18 annos, á entrada na enfermaria parece ser muito alegre, pois ri continuamente, embora a doente o procure dissimular tapando a bocca com um lenço. Esse riso concorda com um estado de espirito correspondente. Interrogada sobre a causa porque se ri, responde « que é por achar ridicula a figura que os medicos fazem na enfermaria ».

Este riso dura ha *quatro mezes* e está em opposição com os desejos da doente que deseja ficar tranquilla. Diz ella :

— Eu bem sei que tenho mais razão para chorar do que para rir, mas não posso desembaraçar-me d'este riso. Paro um momento que aproveito para fallar ou comer, e, logo depois, não sei porquê, recomeço a rir.

O riso cessa quando a doente dorme, para reaparecer quando desperta. M., teve ha tempo crises hystericas; actualmente tem ainda alguns stigmas da hysteria (1), como aperto do campo visual (*amblyopia*) e placas d'anesthesia.

A etiologia do seu riso é imperfeitamente conhecida. Filha d'uma alcoolica que, em creança, a espancava todos os dias, até lhe causar luxações nas duas mãos, vê-se d'ahi a pouco abandonada nas ruas de Paris. Sem pão e sem casa dá-se a uma

(1) Dr. Spehl — *Exploration clinique et diagnostic medical*, pag. 503 e seg.

vida irregular pelo bairro Latino, onde trava relações com grande numero de estudantes, entre os quaes alguns de medicina, que lhe aconselham a entrada no hospital para lhe fazerem a redução das luxações. A doente obedece e durante a chloroformisação que foi ligeira, excitada pelos alumnos assistentes, teve grandes ataques de riso, contou scenas, algumas das mais intimas da sua vida, e ao despertar continuou n'esse riso interminavel que ha quatro mezes a perseguir. Hypnotizada duas vezes, a doente consentiu em esquecer o seu riso e sabiu curada. (CHARCOT).

OBS. III — Emilia Augusta de Faria, 22 annos, creada de sala, solteira, hysterica. Ephelides na face. Stigmas de hystericia. Entra no hospital da Misericordia a 31 de março de 1900 por causa d'um phlegmão da eminencia thenar da mão esquerda e é operada no mesmo dia. Chloroformisa-a o collega Cardoso d'Albuquerque, assistente da doente, adoptando-se o processo Nicaise-Peyreaud (de Libourne). A doente ao cabo de dois minutos entra em resolução sem ter havido periodo de excitação. Aberta a parte phlegmónosa, no momento em que se procedia á exploração digital, a doente é acommettida *por um accesso de riso que durou cinco minutos approximadamente*, seguindo-se uma syncope que foi debellada pelos meios, em geral, adoptados. Continuando a chloroformisação nada mais houve na doente que, ao despertar, se sente bem disposta, alegre, despreoccupada, rindo durante o resto do dia ao menor incidente. Este estado acalma-se no dia immediato em que a doente parece ficar perfectamente socegada. (*Curso de clinica cirurgica*, DR. ROBERTO FRIAS).

Com o accesso do riso pôde, na crise d'hystericia, sobrevir a aphonía, vomitos incoerciveis ou papeira. Raulin dá-nos a observação seguinte:

OBS. IV — C. M., 19 annos, hysterica typica, tem crises de riso incoerciveis que são ordinariamente precedidos d'uma papeira volumosa na região thyroideã esquerda. As modificações de volume d'esta papeira estão em relação com a gravidade dos phenomenos hystericos, augmentando durante os ataques de riso e diminuindo nos periodos de repouso. A crise hysterica n'esta doente termina por um somno prolongado. (RAULIN).

Os accessos de riso produzem-se ou como prodromos do ataque convulsivo, e a este respeito temos duas observações pessoais que a seguir registramos, ou ainda no meio e no fim das crises, conforme affirmam entre outros Axenfeld (1), Charcot (2) e Briquet (3).

OBS. V — F., 19 annos, solteira, de Lisboa. Uma causa qualquer, um dito, uma leve brincadeira, provoca-lhe verdadeiros ataques de riso, durante os quaes os olhos sahem um pouco para fóra das orbitas, ha contracções musculares violentas, trismus do maxillar. Ao fim da crise o riso degenera em gritos e a doente fica n'um grande estado de fadiga. Trata-se evidentemente d'uma hysterica. O riso é aqui um symptoma do ataque convulsivo. (PESSOAL).

OBS. VI — J. O., 22 annos, solteira, natural de Bertiane. Hysterica. Sem causa apreciavel, levanta-se do sitio em que está sentada e começa a rir observando os quadros pendurados nas paredes da casa, acompanhando o riso de exclamações prolongadas. Levada para a cama, sobreveem-lhe convulsões ligeiras que terminam por grandes calafrios. Adormece e ao outro dia acorda bem disposta, quasi que em nada recordando o que se passou. (PESSOAL).

OBS. VI — Marc, 23 annos, atacada de hysterio-epilepsia ha sete annos. A aura parte do ovario esquerdo. O riso annuncia o fim do accesso. A compressão determina o fim immediato da crise. (CHARCOT).

OBS. VII — Crises mixtas hysterio epilepticas. O fim das crises é annuciado pelos risos. (BRIQUET).

Informam-nos do Minho que uma senhora, F., de 26 annos de idade, solteira, tem ataques de riso cuja duração oscilla entre uma e duas horas e que marcam o começo do accesso hysterico. A doente ao findar o ataque fica muitissimo fatigada e dorme pro-

(1) A. Axenfeld — *Traité des nevroses*, pag. 1027.

(2) Charcot — *Leçons sur les maladies nerveuses*, pag. 72-73.

(3) Briquet — *De l'hysterie*, pag. 322.

fundamente durante largas horas. Estas crises só a accommettem quando teem algum desgosto profundo, como, por exemplo, morte de uma pessoa de familia.

Devido á amabilidade do snr. dr. Urbano Cardoso, publicamos em seguida uma observação em que o riso nos apparece no meio do ataque hysterico.

OBS. VIII—B., 21 annos, casada. Antecedentes hereditarios: epilepticos, hystericos. Em solteira, quasi todos os mezes tinha ataques hystericos. Depois de casada, quando comecei a ser o seu medico assistente, tinha ataques hystericos diarios, caracterisados, quasi todos, pelo *delirio hysterico* que apparecia durante o ataque, principiando por uma especie de sonho em acção que rebentava bruscamente n'uma crise d'excitação *com um riso estridente, inextinguivel, que se propagava com uma notavel intensidade*. E, facto curioso, este phenomeno impulsivo, que tenho observado em mais que uma hysterica, tem a propriedade de se communicar, porque se elle se dá n'uma casa onde habite em commum uma outra hysterica, é quasi certo que o espasmo ataca a outra por via de imitação, como se deu na casa d'esta doente com outra hysterica. Esta crise de excitação terminava bruscamente; havia um periodo de depressão mais ou menos longo, com silencio absoluto, e a doente voltava depois, pouco a pouco, ao seu estado normal. (DR. URBANO CARDOSO).

Lembra-nos este anno ter assistido a varios accesos de hysteria n'uma senhora, viuva, de Barcellos, portadora d'uma lesão cardiaca, em que a aura começava pelo ante-braço direito e era muitas vezes precedida por um longo periodo de excitação, durante o qual a doente saltava para fóra da cama, rindo, cantando, pondo a familia em alvoroço. Os accesos de hysteria terminavam por cançar muito a doente, que em seguida adormecia.

Zwinger ⁽¹⁾ cita o facto de uma donzella de Bâle que foi atacada, sem causa conhecida, por um accesso de riso inextinguivel, na primeira noite de nupcias.

(1) Zwinger — *Obs. de riso involuntario vehementi convulsivo*, pag. 47-50.

Briquet falla d'uma hystérica que era atacada de riso espasmodico, absolutamente involuntario, e que as maiores magoas não conseguiam impedir. A doente ria quando tinha vontade de chorar e chorava quando tinha vontade de rir. O mesmo auctor cita uma observação de Hoillier, o qual conta que duas filhas do presidente da camara de Rouen tinham ataques de riso que duravam uma a duas horas e que não podiam reprimir, a despeito de todas as admoestações dos parentes que reputavam o facto como uma vergonha e não como uma doença.

De resto as hystéricas teem periodos de verdadeira alegria em que um pequenino nada, em que uma causa insufficiente provoca longos accessos de riso, acompanhados, por vezes, d'uma ligeira sensação de estrangulamento. E esse riso é tão intenso, tão ruidoso, tão communicativo, é uma alegria tão franca, é uma expansão tão diffusiva que, se occorre em logar onde existam mulheres predispostas, attinge immediatamente a maior parte por contagio ou imitação. Collocar uma d'estas ridentes em enfermario onde abunde o hysticismo, é o mesmo que querer d'ahi a pouco vêr desabar a sala em gargalhadas. Já Briquet (1) dizia que era preciso isolar « *les grandes rienses* » (2).

*
*
*

Seria proveitoso, ao vêr um doente atacado de riso incoercivel, saber se se trata d'um tic ou d'um espasmo; e a utilidade d'esse diagnostico residiria

(1) Briquet—Liv. cit., pag. 323-325.

(2) A observação do snr. dr. Urbano Cardoso corrobora perfeitamente o que acabamos de dizer.

em podermos, conscientemente, fazer o prognostico dos dois risos que differe bastante, pois se é certo que podemos desembaraçar do seu tic o que d'elle é portador, meio algum possuinos para livrarmos um doente do seu espasmo.

Auctores porém que consultamos (*) não frizam bem a differenciação de diagnostico entre tics e espasmos.

Nós bem sabemos que o tic é a descarga brusca, emquanto que o espasmo é a tetanisação lenta; nós bem sabemos que no tic a vontade intervem, por vezes, utilmente, emquanto que o espasmo corre á mercê da inercia que provém da nossa impotencia; nós bem sabemos que o riso-espasmo é um phenomeno reflexo, emquanto que o riso-tic é um movimento systematisado reproduzindo ao exaggero um acto physiologico; porém, dados os laços intermediarios que ligam estes risos, bem difficil é, praticamente, extremar o tic do espasmo, demais que se a descarga brusca e a tetanisação lenta se podem distinguir nos musculos de grande massa, nos pequenos musculos, nos musculos da face, no risorius de Santorini, por exemplo, torna-se absolutamente impossivel fazer toda e qualquer differenciação.

E isto é tanto mais para lamentar quanto é certo que entre tic e espasmo ha uma consideravel differença, no que respeita á sua prognose.

O tic cura, difficilmente, por vezes, mas o espasmo, qualquer que seja a sua séde, é absolutamente incuravel. No tic, a gymnastica applicada aos musculos dá resultados positivos; no espasmo, toda a therapeutica falha e achamo-nos impotentes para o combater.

(1) Trousseau—Liv. e vol. já cit., pag. 267-271.

—Brissaud—Tics e espasmos, pag. 6-15.

—Rosenthal—Obra já cit.

* * *

Concluindo:

— O riso é um dos symptomas frequentes da hysteria.

— Os ataques de riso produzem-se ou como prodromos do accesso convulsivo ou no periodo de resolução.

— É difficil o prognostico do riso incoercivel dada a difficuldade de diagnostico entre riso-tic e riso-espasmo.

abinfozde
da vna. n.º

CAPITULO III

O RISO NA EPILEPSIA
E NO TETANO

Na epilepsia

Brissaud (1) n'uma lição feita sobre o riso espasmodico disse: «É como um ataque de epilepsia que percorre fatalmente o cyclo das suas manifestações convulsivas e que nada pôde suster desde que principie ».

E de resto assim é. Não só o ataque de riso apresenta grandes analogias com os accessos convulsivos da epilepsia, mas ainda pôde produzir-se como unica fôrma da epilepsia e substituir até outras manifestações.

Eis algumas observações que o comprovam :

Obs. IX — J. B., 36 annos, epileptico desde os 14 annos. O pae era alcoolico; seis irmãos que teve morreram todos na primeira infancia com convulsões. Além das grandes crises que eram as primeiras manifestações da epilepsia, é sujeito a vertigens subitas com queda na resolução completa e a *accessos de riso*.

As grandes crises são iniciadas por uma loquacidade des-acostumada; depois o olhar torna-se fixo e o doente cahe para

(1) Brissaud — *Revista scientifica*, janeiro, 1894, pag. 44.

traz; o thorax immobilisa-se e a physionomia toma a expressão do riso sardonico enquanto a cabeça executa movimentos de rotação rapidos. Depois de minuto e meio cahe em coma, de que só desperta uma hora depois.

As crises de riso são iniciadas pela mesma loquacidade. O olhar torna-se fixo, o doente empallidece, o rosto toma a expressão do riso sardonico, os movimentos respiratorios são bruscos e *saccadees*, interrompidos por longas inspirações. Aqui o riso constitue o ataque. Com o riso vem a congestão violacea da face e, quando se está prestes a recear a asphyxia completa, o espasmo pára. A respiração torna-se lenta e superficial, depois regularisa-se e o riso desaparece.

J. B. não se submete ao tratamento pelos brometos senão por méro capricho; durante elle observa-se que as crises de riso são mais frequentes, diminuindo talvez por compensação os grandes accessos convulsivos. D'estas crises de riso, diz o auctor (1) da observação, não se falla nos tratados especiaes de epilepsia, embora, apesar de raras, mereçam ser mencionadas.

Eis outro caso analogo :

Obs. x — C. P., desde os doze annos que tem ataques epilepticos rebeldes a todo o tratamento. Em janeiro de 1899 a serie d'esses ataques é interrompida por uma fórmula extravagante: crises de riso inconsciente, acompanhadas de convulsões, e phrases incoherentes (2).

Apesar porém, de Feré dizer que os tratados de epilepsia não mencionavam as crises de riso, Trousseau, (3) com a perspicacia que o caracteriza, já d'elles falla nas suas notas :

Obs. xi — Fui chamado para dar a minha opinião sobre um rapaz epileptico que vinha de Berne propositadamente para me consultar. No curto espaço de tempo que esteve no

(1) Feré — *Accès de rire chez un epileptique*, abril, 1898.

(2) Feré — Liv. já cit., pag. 52.

(3) Trousseau — Liv. já cit., art. *Epilepsia*.

meu gabinete, teve vertigens caracterisadas por accessos de riso *saccadées* que duraram apenas alguns segundos. Interrogado o doente sobre a causa por que se tinha rido, admirou-se bastante, pois o fizera inconscientemente.

O riso na epilepsia apparece-nos tal como na hysteria, pois ora dá o aviso do principio da crise, ora vem apenas quando o ataque está prestes a terminar, sendo muitas vezes provocado pelos proprios actos do epileptico. É o caso do juiz que depois de uma vertigem, abandonava a cadeira em que presidia á audiencia, e ia urinar a um canto qualquer da sala, mostrando-se depois muito admirado pelo riso que provocava e rindo, tambem, por fim (1). É o caso do epileptico que sendo despertado, no momento em que procurava accender os ponteiros do relógio, lastimava-se do seu estado, com sorrisos de piedade. (2)

Durante as crises de riso ha um comprimento excessivo da curva expiratoria; o pulso é mais rapido e dieroto; as pulsações augmentam vinte e quarenta por minuto.

O accesso de agitação não se desenvolve brusca-mente (3) sendo, quasi sempre, precedido de signaes preliminares que depois se repetem com os mesmos caracteres e annunciam, até certo ponto, a proxima eclosão do ataque. O doente ou se mostra d'uma alegria exaggerada, turbulento, expressivo, satisfeito, com risos convulsivos, como que embriagado, ou então torna-se melancolico, taciturno, meditativo. No primeiro caso a sua physionomia photographa a expressão d'um riso cynico e o olhar é brilhante, um tanto ironico; mas, rapidamente, esse estado cessa e

(1) Magnan — *Des epileptiques*, pag. 36.

(2) Raulin — *Liv. cit.*, pag. 234.

(3) Dagonet et Duchannel — *Traité des maladies mentales*, pag. 174-177.

um rictus ignobil lhe contrahie a face; as palpebras tumefazem-se, os labios espessam-se, as linhas tornam-se quebradas, angulosas, o rosto mais bello desfigura-se, deixando entrevêr apenas nos olhos vacilantes, nas pupillas dilatadas, no sorriso hediondo, como que um sarcasmo de zombaria estúpida e inconsciente.

No tetano

No tetano encontra-se o riso sardónico. É um riso todo mechanic, produzido pela distensão violenta dos commissuras, pela contractura dos musculos da nuca e da face e tanto mais temivel quanto é certo que elle contrasta deploravelmente com a gravidade do estado em que se encontra o doente. Jaccoud (1) refere-se a esse riso; Dieulafoy (2) no seu artigo sobre tetano não se esquece de lhe dedicar tambem algumas palavras, e nós já o tivemos occasião de observar em dois tetanicos que deram entrada no hospital da Misericordia, na enfermaria de, que é director clinico o snr. dr. Adelino Costa.

Na enfermaria n.º 43, do mesmo hospital, está actualmente em tratamento uma tetanica que observamos e na qual o riso sardonico nos apparece logo de principio, como symptoma inicial. Segue-se a observação:

Obs. XII — Elisa Maria da Conceição, 17 annos, solteira, creada, entra no hospital a 2 de março de 1900. A 28 de junho soffre uma operação — hysterectomia vaginal total; a 9 de julho esboça-se-lhe na face a expressão do riso sardonico. Está declarado o tetano.

O aspecto da doente é o caracteristico do tetanico. Testa

(1) Jaccoud — *Pathologie interne*, pag. 443.

(2) Dieulafoy — *Pathologie interne*, vol. IV, pag. 273.

levemente franzida, faces ruborisadas, palpebras semi-cerradas, indicando como que um entorpecimento doloroso e pungente, e, a contrastar com essa mascara de dôr e soffrimento, com esse estado terrivel em que a enferma se debate, as commissuras retrahem-se n'uma rigidez absoluta, os labios des-cerram-se n'um sorriso sardonico e sarcastico, como que zombando da nossa impotencia therapeutica, como que desafiando os nossos recursos scientificos.

Esse riso immobilisa-se seguidamente durante dois dias, ao fim dos quaes desaparece, para depois voltar, intermittente, a espaços, continuando assim até ao setimo dia da doença, depois do que não podemos levar mais longe a observação, attenta a necessidade imperiosa de dar fim a este trabalho.

Roy (1) conta, a respeito do riso do tetanico, uma aventura curiosa: Ambroise Paré que era medico do corpo de exercito do marechal Montejaur, tendo amputado um braço a um soldado, notou que elle, dias depois, apresentava accidentes tetanicos. Cheio de piedade, e vendo os accessos violentos a que o doente estava sujeito, aproveita a primeira casa que lhe apparece — um estabulo — leva para ali o doente, cobre-o de pomadas, envolve-o em seguida em feno (2) e assim o deixa estar tres dias e tres noites. O doente curou!

E que admiravel meio de cultura não tinha ali o bacillo de Nicolaier!

* * *

Concluindo:

— O apparecimento do riso na epilepsia não marca nenhuma phase do ataque.

— O riso do tetanico é de typo sardonico e inicial.

(1) Roy — Liv. já cit., pag. 34.

(2) Sanchez Toledo e Veillon, no seu livro *Recherches microbiologiques et experimentales sur le tetano*, diz-nos que o feno é um esplendido meio de cultura para o bacillo tetanico. Dieulafoy confirma o facto no liv. cit., pag. 271.

CAPITULO IV

RISOTHERAPIA

Não vem este capitulo a titulo de innovação. Se o publicamos é unicamente por mera curiosidade scientifica, por trazermos a publico algumas das extravagantes e pittorescas observações que a Historia da medicina nos aponta e que jazem actualmente sepultas no pó dos archivos.

Hippocrates diz que o riso e a alegria são favoráveis em todas as affecções.

Galeno assegura ter visto um grande numero de doentes que devem a sua cura mais ao humôr jovial do que ao uso dos medicamentos.

Ambroise Paré, Sanctorius, Pechlin, Tissot e outros observadores citam uma grande quantidade de curas obtidas pelos hilariantes, especialmente nas febres intermittentes, escrobuto, escrophulas e paralysisia.

Não nos deve admirar isto; todas as innovações tem o seu periodo de gloria e fausto mórmente em therapeutica, pois ha sempre desilludidos que esperam alguma nova descoberta e a ella se agarram como a ancora de salvação.

Quantos tuberculosos se não tratam ahi já pela zomotherapia, não obstante os auctores do novo me-

thodo J. Hericourt e C. Richet não o terem ainda explicado em todos os seus detalhes (1).

Erasmus deitou a vomica que o suffocava pelo seu riso excessivo, salvando assim a vida.

Coringius cura-se de febres terças pela alegria que sente ao conversar com Meibomius. Tissot lembra-nos o exemplo de muitas creanças pallidas, tristes e rachíticas nas quaes o riso provocado pelas cocegas é seguido dos mais felizes resultados.

Na bibliotheca municipal existe um livro em que o dr. Descuret (2) affirma que chegou a resolver, por meio do riso, a maior parte dos engorgitamentos ganglionares lymphaticos que tinham resistido a grande numero de remedios internos e externos.

O auctor põe as creanças sobre um leito, quando o estomago está vasio, e faz-lhes cocegas. Este processo, executado de manhã e á noite durante alguns minutos, opéra ao cabo de 15 a 20 dias melhoras sensiveis na constituição dos doentes. A pelle torna-se roxa, o rosto corado, a physionomia mais alegre, mais animada. É que, diz Descuret, o abalo produzido pelo riso injectou sangue nos vasos capillares que até então o não tinham. O riso produz, não só uma acceeração da circulação mas ainda contracções musculares com effeitos curativos.

Descuret diz-nos ainda que a risotherapia não deve ser empregada nas hernias e nas fracturas, mas, como prova de que o methodo porque pugna tem resultados seguros, conta-nos varios factos.

Pechlin narra que um homem gravemente ferido no peito, estava abandonado pelos medicos que o julgavam irremediavelmente perdido. Os companheiros que o vigiavam, cançados de aturar o doente e sabendo-lhe da morte proxima, trataram de se divertir,

(1) *Medicina Contemporanea* n.º 25, março de 1900.

(2) *La medecine des passions*, pag. 221.

ennegrecendo com algum negro de fumo a cara de um companheiro que adormecera, fatigado por noites successivas de vigilia. O moribundo por acaso abre os olhos e, ao vêr a caricatura grotesca dô que lhe servia de enfermeiro, começou a rir, sahindo da ferida mais de dois litros de um derrame sanguineo purulento, depois do que o restabelecimento foi rapido.

Ahi está um caso com probabilidades de autentico bem como outros que o referido auctor cita, de dequitação em mulheres cujas forças pareciam inteiramente exgottadas, e cujas dôres tinham desapparecido.

Em conclusão: se a risotherapia teve já época florescente não vemos que ainda hoje se lhe possa negar um certo numero de factos: esses da expulsão da vomica, da sahida do pus, e das membranas tem bastos risos de verdade. O riso actuará como agente mechanico e os effeitos apontados serão apenas devidos ao exaggero das contracções musculares.

Quer isto dizer que empreguemos o riso, *à tort e à travers*, como meio therapeutico? Claro está que não, embora n'elle conheçamos uma poderosa causa adjuvante do bom estado moral do doente o que, por vezes, se deve tomar tambem n'uma certa consideração.

* * *

Concluindo:

—A despeito dos factos de risotherapia que a historia nos aponta, o riso só poderá ser racionalmente empregado, nas fôrmas depressivas da alienação mental.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—A simples inflexão lateral da columna vertebral não caracteriza a scoliose.

Physiologia—O repouso é tonico depois do exercicio; o exercicio é tonico depois do repouso.

Materia medica—Os saes de quinina na malaría não só a curam mas ainda a previnem.

Anatomia pathologica—As fórmias anormaes encontradas nos tumores malignos devem considerar-se, em regra, como morphologicamente identicas.

Pathologia geral—O alcoolismo é uma das grandes podridões das sociedades modernas.

Pathologia interna—A epilepsia legitima é um estygma de degenerescencia.

Pathologia externa—Nas fracturas do rachis reprovo, em regra, as intervenções sangrentas.

Operações—Nos apertos maximos a urethrotomia interna é o primeiro tempo da dilatação progressiva.

Partos—Os effeitos d'uma irrigação uterina são mais mechanicos do que antisepticos.

Hygiene—A mortalidade dos europeus nas nossas colonias, é, muitas vezes, filha da acclimação.

VISTO.

Alberto d'Aguiar,
Presidente.

PÓDE IMPRIMIR-SE.

O. Monteiro,
Director interino.